



Boletim Cultural Digital

O Marambiré

Arte – Cultura – Folclore – História – Literatura – Meio Ambiente



ANO II – NÚMERO 16 • 10 DE ABRIL DE 2012 • EDITOR: LUIZ ISMAELINO VALENTE • E-MAIL: ISMAELINO@TERRA.COM.BR

ALENQUER – a “Flor dos Paranás” na lembrança de Alfredo Oliveira

Em 1981, o escritor paraense Alfredo Oliveira lançou o livro *O Touro Passa?* (relançado 30 anos depois, em 2011, no bojo da coleção “Pará de Todos os Versos, de Todas as Prosas”, do jornal *Diário do Pará*), que retrata o cotidiano de uma família paraense, a família do próprio escritor, em Belém e no interior do Pará, entre a Revolução de 1930 e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. “É a crônica de uma época e documento de uma região, expressos num texto de sabor memorialístico, fluente, que transita entre o registro documental e a ficção, recompondo-nos as vivências e as vozes desaparecidas que continuam a ecoar na nossa memória afetiva, coletiva, paraense”, segundo o filósofo e crítico literário Benedicto Nunes. Alfredo Oliveira, em *O Touro Passa?*, afirma o mesmo crítico, “busca, com o apaixonado interesse de quem precisa conhecer o passado para situar-se no presente, a linha de verdade histórica que sulca a sua infância, e que se enquadra nas suas recordações mais antigas e vividas na moldura extradoméstica, regional e nacional, da geração a que pertence. As recordações coligidas aqui se deslocam, seguindo a trajetória familiar, por quatro lugares da terra paraense, cultural e geograficamente distintos – *Castanhal*, na chamada zona bragantina, *Alenquer*, no Baixo Amazonas, *Salvaterra*, no Marajó, e *Cametá*, às margens do Tocantins –, o desenvolvimento autobiográfico do texto encadeia-se às vivências de diferentes modos de vida – práticas religiosas, jogos e crenças folclóricas, formas de trabalho e de produção, hábitos culinários, zoologia fantástica regional, farmacopeia e botânica populares – incorporados, juntamente com as vozes desaparecidas dos antigos pregões das ruas de Belém, ao fundo afetivo da memória dessa geração de paraenses dos anos 30.”

Alfredo Oliveira, nasceu em Belém do Pará em 14/06/1935, mas passou parte de sua infância em Alenquer, para onde o pai, coletor de rendas federal, e a mãe, professora de Grupo Escolar, mudaram-se no

começo da década de 1940, em virtude da transferência funcional do chefe da família.

A pequena Alenquer da década de 1940 não escapa às reminiscências, poéticas e detalhistas, do escritor, como vemos a partir da página 43 desse grande livro:

“Baixo Amazonas, Alenquer – **Flor dos Paranás**. A viagem até Santarém foi feita num vapor da *Amazon River* – o *Distrito Federal*. Depois passamos pra *Miloca* – a lancha navegou por furos e paranás rumo ao seu destino na confluência do Surubiú com o igarapé Itacarará.

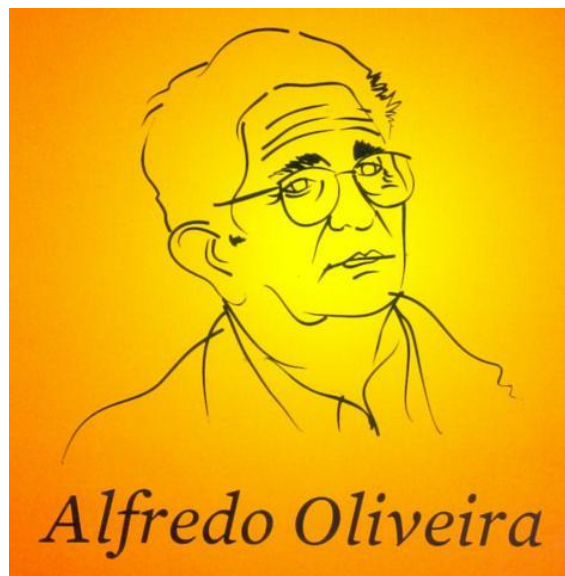
O trapichão – com quase duzentos metros de comprimento – avançava para o perau em cima de centenas de pilastras como uma centopeia. Subindo ou descendo, para Manaus ou Belém, atracavam navios da *Amazon River* e os chamados particulares, como o *Aquidaban*, o *Barão de Cametá*, o *Júpiter* e o *Moacir*.

As torres da igreja de Santo Antônio, o Padroeiro, de longe se avistavam furando a planura do céu. O casario da rua da frente, aconchegado à beira da maré, incluía o comércio do Seu Didico, que vendia de tudo, e, numa esquina, o bar do Seu Toim, que ostentava orgulhosamente numa prateleira um rádio *Zenith* capaz de

captar as estações ‘do mundo’.

A noite pertencia aos carapanãs. Milhões de diabos alados invadiam a casa e enegreciam as paredes sobretudo na varanda. Por toda parte, ecoava o *zuim-zuim*. Diariamente, cumpria-se o ritual de armar os mosquiteiros, pulverizar os cômodos com bomba de *Flit* ou colocar espirais fumaçando sobre o piso de tijolos.

O lugar possuía algum progresso: – a luz elétrica da pequena usina, telégrafo, mercado, Grupo Escolar e a farmácia Santo Antônio. Além do prefeito, padre, delegado, juiz e coletores – personalidades oficiais da comunidade – havia o doutor Edgard, para receitar *Atebrina*, injeções de *Paludan* e as tétlicas colheres de óleo de fígado de bacalhau. O doutor Hage, à disposição no gabinete dentário, armado de broca e botião. E o doutor Leopoldo, veterinário, solícito a cuidar do



gado que aparecia nas fazendas com aftosa, bicheira e quebra-bunda (...) Em Alenquer, meus olhos se abriram: distingui o rio e o firmamento, a mata e o arruado, as flores e os tajás, as fruteiras e os pés de pau, as criações e os passarinhos. Soube dos santos dos céu, das fadas louras com varinhas de condão e dos duendes amazônicos: eternos vilões na boca dos brancos contadores de lorotas.

Atingi a tabuada de somar e as primeiras letras na cartilha de ABC. Começou o aperreio das contas e a monotonia dos exercícios de caligrafia, na aula particular da professora Djanira.

As brincadeiras eram sempre bem-vindas a qualquer hora: macaca, corda, pau-queimado e bole-bole com pedras alisadas no cimento da sarjeta. O bate-fica-escapole-deixa na peteca de caroços de tucumã. A cabra-cega, de bacalhau na mão, açoitando os incautos (...) Papai saía para caçar de espingarda nos lagos e igarapés. Abatia marrecas e patos bravos. Certa vez trouxe vivo um mutum de crista encarnada. Na primeira rua viam-se as garças brancas – uma perna encolhida e outra enfiada na espuma da beira da maré. Lá fora passavam botos fazendo evoluções, batelões carregados de balata e as pequenas montarias obedientes aos jacumãs. Um dia um caboclo desembarcou com um jacaré nas costas – parecia o rótulo da *Emulsão de Scott*.

Aprendi a temer o curupira, de pés para trás, perdendo as pessoas no mato, e a mãe d'água, que com seu canto feiticeiro carregava a gente pro fundo. Identifiquei o mapinguari num caboclo de má catadura e bafo de

cachaça, que vendia achas de lenha para o fogão. Tapa-va os ouvidos ante o sinal agoureiro do acauã. Vadiava comendo pitomba, aracá e tamarindo (...) Tinha predileção por castanha sapucaia e torcia para que Seu Davi mandasse mais banana-passada de presente (...)

O mês de junho passou voando e deixou a lembrança do arraial ao pé da igreja do Padroeiro. Bira [pai do escritor] tirou umas férias e a família arrumou as malas. O *Barão de Cametá* atracou procedente de Manaus e embarcamos num camarote de primeira classe. Minha mãe ia 'descansar' e eu, com o coração jubiloso, finalmente partia para conhecer a capital."

Mas não é só. A partir da página 69 de *O Touro Passa?*, Alfredo Oliveira volta "ao verde-vago-mundo de Benedicto Monteiro – o futuro contador de estórias do rio-mar, íntimo de botos e iaras, boiúnas e curupiras": o subir e o descer do rio, nas idas e vindas da família entre Alenquer e Belém; os banhos da molecada na ponte do Trapiche ("*Tibungo! Tibungo!* – de pé ou de cabeça. Os corpos ágeis sumiam um instante, reaparecendo de bubuia na correnteza"); as canoas "que atrapavam a bem dizer nas portas das casas, na primeira rua"); as tardes do Domingo Gordo do carnaval, com "os mascarados percorrendo as ruas de Alenquer espantando a criançada", e os bailes noturnos com o "pessoal do sereno" espreitando os foliões que formavam "as cobrinhas" no interior dos salões e "até o sujeito que saracoteava vestido de mulher na maior sem-vergonhice – beijos pintados e barriga de travesseiro amarrado debaixo da saia..." E por aí vai.

Apolônio Fona – o pioneiro da fotografia no Baixo Amazonas

Texto de

LÍGIA TEREZINHA LOPES SIMONIAN

"Sabe-se que Apolônio Fona Alves Pereira (1897-1938) foi o primeiro fotógrafo estabelecido com estúdio fotográfico em Santarém-Pará, mas a sua obra tem estado à margem da história da cultura amazônica. De todo modo, os familiares continuam preiteando a sua memória, sendo que esses e algumas famílias santarenas retêm em seus álbuns fotos que identificam como dele, embora apenas umas poucas estejam assinadas manuscritamente ou com marca d'água.

Segundo pesquisas até o momento realizadas, apenas duas referências bastante breves foram encontradas a seu respeito. Independentemente desse silêncio, Apolônio Fona foi um fotógrafo que primou pela contemporaneidade, tendo desenvolvido uma variedade de estilos.



Nascido em Santarém, numa família em que a arte era considerada uma prioridade [era irmão do pintor João Fona, do músico e compositor Raimundo Fona e do artesão Pedro Fona], Apolônio Fona interessou-se pela fotografia, mas também em outros ramos da arte. Formou família com uma cametaense – Maria de Nazareth da Costa [dona Nazá] – que conheceu em Belém e com ela teve sete filhos [Maria José ou *Zizita*, Zenaide, Wilson, Vilma, Renée, Norma e Íris]; à exceção da [Norma] falecida ainda

na infância, todos os demais se dedicaram às artes e às letras. Como faleceu – também em Santarém – muito jovem, não conseguiu fazer escola, nem mesmo entre os filhos, embora estes tenham se dedicado à fotografia. Após sua morte, a esposa, a primogênita e um filho de criação [o Duca] mantiveram o estúdio, mas logo enfrentaram dificuldades quanto ao acesso a matérias-primas devido à segunda guerra mundial, tendo o mesmo sido vendido.

No que diz respeito à formação, ele se familiarizou com a arte fotográfica a partir dos navios que aportavam em Santarém, pois tripulantes e viajantes portavam câmeras, o que aguçou a sua criatividade, tendo de um deles adquirido a sua primeira câmera. Nesses navios, ele também entrou em contato com os ‘bordados chineses em madeira’, a base para a produção de peças como cantoneiras, aparadores, molduras, etc. Inclusive, para realizar esse trabalho, ele inventou ‘uma máquina de bordar madeira’.

Consta, também, que ele aperfeiçoou o ‘rascunho de cuia de Alenquer’, um estilo de decoração que veio caracterizar essa produção santarena. Mas foi na fotografia que ele concretizou seus sonhos de artista, tendo investido energia, tempo e recursos econômicos.

De posse dos rudimentos da técnica que a fotografia exigia, Fona tomou a decisão de ir a Belém para aperfeiçoar-se, e o fez na Foto Fidanza. Este estabelecimento fotográfico foi, segundo *experts* sobre a fotografia paraense (C. La Rocque Leal, O. Maneschy), o mais renomado nas primeiras décadas do século XX. Aliás, com a instalação dessa Foto anos antes, mais e mais famílias acorriam aos serviços prestados por esse estabelecimento, mais reportagens fotográficas eram solicitadas, o que permitiu a produção fotográfica em outros ambientes.

Fona foi contemporâneo de um mundo em que a fotografia se popularizava, embora ainda produzida predominantemente nos ambientes dos estúdios fotográficos. As influências de seu tempo e das artes em sua obra serão oportunamente analisadas, mas por certo que Fona esteve à frente no contexto da fotografia paraense.

Mas em resumo, Fona produziu autorretratos, retratos de família, inclusive da sua, fotos de eventos, de modelos ou musas, de instituições e de paisagens, brincou com os negativos, ou seja, os manipulou e fez montagens. Ele também usou a cor para ressaltar aspectos de algumas fotos e produziu cenários especiais para outras. Parte de sua produção localizada encontra-se em perfeito estado de conservação, sendo que algumas, como já dito, são assinadas, quer à mão, quer com marca d’água, e essa assinatura aparece no detalhe da foto que ilustra este artigo. Uma delas foi produzida ao estilo de cartão postal.

Na lembrança de uma das filhas, os negativos se perderam, pois os vira quebrados ou acumulados no quintal, mas, de todo modo, a pesquisa continua no sentido de localizar alguns que possivelmente tenham sido preservados.

Fona privilegiou a família, era vaidoso e apreciava o melhor, foi sorteado em uma loteria com recurso de monta e foi sempre bem humorado. A respeito, conta-se em Santarém que ele pendurava de cabeça para baixo, no estúdio, fotos de pessoas que não retiravam e/ou ficavam a dever-lhe o trabalho. Um santareno lembrou das gentilezas de Fona, quando seu pai o levava ao estúdio para ser fotografado. E o preparava para o *clic*, mas antes de dispará-lo pediu licença e retornou com um belo cavalinho que colocara em seus braços e que passara a integrar a foto, que, lamentavelmente, como tantas outras, perdera-se no tempo”. (Em *Programa da Festa de Nossa Senhora da Conceição* – Santarém, 2012. **Lígia Simonian** é antropóloga, professora da Universidade Federal do Pará e autora de uma percuciente e alentada pesquisa acadêmica sobre a vida e a obra do fotógrafo santareno Apolônio Fona).

• “Nunca tente ser esperto. Procure sempre ser sábio.” • “Não busque atalhos no que você fizer. Não há êxito sem esforço, nem realizações sem um trabalho árduo.” • “Mantenha-se distante dos que buscam honrarias.” • “Mais valioso do que o amor que recebemos é aquele que damos.” • “Busque sempre a amizade daqueles que são fortes naquilo em que você é fraco.” • “Se algo está errado, não busque um culpado. Procure saber como pode ajudar a consertar o erro.” • “Lembre-se sempre de que é você quem cria a atmosfera à sua volta. Se você quer que os outros sorriam, sorria você primeiro. Se você quer que os outros sejam generosos, seja você generoso primeiro. Se quiser que os outros o respeitem, saiba respeitar os outros.” • “Seja paciente. Às vezes o mundo é mais lento que você.” • “Seja correto e honesto e faça sempre o que você disse que ia fazer.” (Lord Jonathan Sacks, *Cartas para a próxima geração*).

O seringueiro e o seringalista na visão de um chimango

São do alenquerense Aldrin Moura de Figueiredo, professor de História da Universidade Federal do Pará e Doutor em História Social pela Universidade de Campinas, os conceitos abaixo transcritos:

■ **“O seringueiro.** Sujeito que enfrentava imensas dificuldades para chegar até à árvore de seringa, é muitas vezes esquecido nos livros de história, ou quando muito tratado como uma figura anônima, um número a mais nas extensas listas de trabalhadores que viviam no seringal (...)

O trabalho tomava-lhes boa parte do dia. A jornada do seringueiro consistia em fazer duas vezes ao dia a ronda da estrada. A primeira, madrugada ainda escura, para sangrar as árvores e colocar a tigela para recolher o látex. Mas isso não era tudo: a faina só terminava à noite, depois de feita a coagulação do leite da sangria mediante a defumação.

No entanto, no intervalo entre a colocação e a retirada da tigela, se houvesse tempo, se dispusesse de uma arma ou, ainda, se não fosse proibido, o seringueiro procurava suplementar sua alimentação com a caça ou a pesca.

A rotina de até catorze horas de trabalho prolongava-se durante toda a safra de coleta do látex. Esse tempo sazonal de trabalho com a borracha coincidia com a estação seca, entre os meses de setembro e abril, época em que ele podia preparar uma roça para a sua subsistência. Quando isso não era possível, o seringueiro ficava preso aos esquemas do patrão, que lhe fornecia o necessário à sobrevivência, a preços sempre muito altos.

Mas não pensemos que o seringueiro estava preso ao trabalho como um escravo. Embora o processo produtivo da goma elástica fosse extremamente cruel, o trabalhador

não perdia sua identidade social. Lá mesmo no centro, junto ao seringal, os nossos personagens guardavam seus dias santos, faziam suas rezas, brincavam com suas crianças e amavam suas mulheres (...)

■ **“O seringalista.** ‘Tirano’, ‘escravizador dos seringueiros’, ‘malfeitor’; estes são alguns adjetivos que muitos cronistas e estudiosos da borracha utilizam para nomear a figura do seringalista.

Quem era, afinal, o seringalista?

Em verdade, pouco se sabe a respeito dele, pois quase não existem estudos que tratem da vida dos donos dos seringais. As pesquisas, no importante interesse de revelar a história dos ‘oprimidos’ da época da borracha, acabaram, propositalmente, esquecendo de contar um pouco da história dos seringalistas.

Parece uma história de herói e vilão. O seringueiro era explorado, por isso temos de recuperar seu passado; o seringalista era o explorador, por isso temos de deixar de lado as suas ‘glórias’, conseguidas com o suor do trabalho do pobre seringueiro.

Para se ter uma ideia desse problema, a maioria dos livros diz, em resumo, que os seringalistas eram pessoas financiadas por grandes comerciantes de Belém e Manaus, donos das chamadas ‘casas aviadoras’, e tinham a função de *aliciar* trabalhadores e comprar mercadorias para a coleta da borracha. É como se todos os seringueiros fossem para o trabalho porque tinham sido atraídos e subornados (ou seja, aliçados) pelo dono do seringal. Vejam quão problemática é essa abordagem da história, pois se o seringalista é visto como um homem esperto, capaz de enganar qualquer trabalhador, aproveitando-se da sua ignorância e pobreza, o seringueiro é sempre visto como um homem rude, quase idiota, que



O pequeno mas primoroso livro do alenquerense Aldrin Moura de Figueiredo sobre o seringal, os seringueiros, os seringalistas e a Sociedade da Borracha. Um livro que vale a pena ser lido.

nunca teve outra opção senão deixar-se levar pela conversa enganosa do proprietário do seringal.

(...) Se existia aliciamento, todos os grupos envolvidos no esquema de exploração gumífera eram aliçados. No entanto, o que se aprende na maioria dos livros de história é que o único sujeito de fato enganado era o pequeno seringueiro.

O seringalista, que muitas vezes era o político das cidades do interior amazônico, não deixava de ser explorado (mesmo que em outra escala) pelos grandes financistas de Belém e Manaus. Nessas relações sociais com profundas desigualdades, era o seringueiro o mais explorado de todos. Isso não quer dizer, entretanto, que ele não tivesse nenhuma liberdade de ação, que não fosse o sujeito de sua própria história. Tanto era que muitas vezes se rebelava contra a exploração a que era submetido.” (Aldrin Moura de Figueiredo – **No Tempo dos Seringais**. SP: Atual Editora Ltda., 1997, pgs. 14-17).